SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

PORTE PAGO AVENÇA

ANO XXXIII

31 DE OUTUBRO DE 1977

N.º 387

Avulso Esc. 7$50

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Serpa Pinto de Carvalho, 97 — LISBOA-3 — Telef.: 603778 — Teleg. YMCAPORT

1908: A CONSOLIDAÇÃO DO ESCOTISMO



O entusiasmo que despertou a publicação de *Scouting for Boys* foi, como já vimos, um passo importante na caminhada da expansão do Escotismo, para o que também muito contribuiu a campanha de propaganda que o Fundador levara pessoalmente a efeito através da Inglaterra.

B.-P., que possuía o segredo de comunicar com a juventude, instilara com mestria, nos seus trabalhos, os condimentos que sabia serem capazes de despertar o interesse da gente nova. A mocidade inglesa foi, assim, logo tomada por irreprimível entusiasmo pelo livro que estava sendo dado à estampa. Os fascículos desapareciam das estantes das livrarias, por assim dizer devorados pelos jovens leitores. Tratava-se de algo de novo que *falava* realmente ao espírito da juventude. Esse entusiasmo não se limitava, contudo, à leitura das sugestivas histórias, crónicas e ensinamentos que o livro continha. Os rapazes queriam, à viva força, ir para o campo, viver as actividades de que o livro lhes falava. O mesmo é dizer que o Escotismo começava a ser praticado pela juventude britânica.

Um dos primeiros leitores de B.-P. faria, quarenta anos mais tarde, um curioso relato acerca do impacto produzido pelo *Scouting for Boys* nos hábitos da juventude inglesa, documentário verídico dos primórdios do Escotismo na Grã-Bretanha. Diz-se nesse relato:

Éramos um pequeno bando de seis rapazes. O nosso único campo de jogos era a rua. Certo dia, um de nós veio correndo, esbaforido. «Olhem o que me emprestaram por uma semana, o Scouting for Boys *!» Ansiosos, reunimo-nos à volta dele, devorando o livro palavra a palavra e deleitando-nos com as narrativas. Uma viva emoção se apoderou de nós. Queríamos nós próprios praticar esse jogo.*

Cada tostão que arranjávamos era logo entregue ao Tomás, o nosso guia, para ele poder comprar o próximo fascículo, logo que saísse. Meu pai autorizou que usássemos um barracão no saguão da nossa casa para fazermos as reuniões à noite. Aí sentávamo-nos, à luz de um candeeiro, a estudar as leis e os nós. As traves de madeira eram a única decoração das paredes. No sábado, de tarde, lá nos encontrávamos no campo a aprender pistas, a estudar os pássaros e as árvores, a acender fogueiras e a cozinhar.

Nos armazéns do exército e da marinha, comprámos cabos de vassoura por um dinheiro e mochilas por dois dinheiros. Durante algum tempo foi isto que compunha todo o nosso uniforme. A irmã de Tomás fez-nos uma bandeirola de patrulha, de tecido de algodão, de que muito nos orgulhávamos. Era o nosso guia quem a levava numa vara ao ombro e nós seguíamos atrás, em fila indiana, transportando as nossas varas da mesma maneira.

Continua na pág. 7

O «Jambori para todos» de 1979 anunciado em Montreal

Na sequência de uma apresentação dos preparativos do 15.º Jambori Mundial que se realizará em 1979, em Neishabour, no Irão, as equipas do programa e das relações públicas do Escotismo Mundial deram a conhecer os seus planos para o «Jambori para todos» de 1979 aos 500 participantes da Conferência. O «Jambori para todos» tem como fim fazer com que os 999 escoteiros, de cada 1.000, que não terão a possibilidade de ir ao Jambori, possam partilhar do espírito, da fraternidade e da aventura do Jambori Mundial. Os acontecimentos a ele ligados, podem realizar-se em

Continua na pág. 6

BROWNSEA-77



O Acampamento Brownsea-77 *realizou-se no passado Verão no Parque de Escotismo da Caparica. Estiveram presentes grupos da AEP e do CNE e foram levadas a efeito diversas actividades que muito despertaram o interesse dos escoteiros. Um serviço religioso ecuménico sobressaiu entre as celebrações efectuadas. Eis um aspecto do acampameato, numa boa imagem que se deve ao nosso camarada do CNE* Lobo Matreiro.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Os novos dirigentes da Fraternal tomaram posse

No dia 13 do corrente mês de Outubro, realizou-se na sede da Fraternal a cerimónia da tomada de posse dos seus corpos gerentes para o biénio de 1977-78.

A reunião, que auspiciosamente teve uma concorrência superior à habitualmente registada nas em anos anteriores realizadas, foi presidida pelo nosso companheiro Albano da Silva, que estava ladeado pelos companheiros Xavier de Brito e Humberto Martins. A iniciá-la, palavras de saudação do presidente, o qual deu conta dos motivos imperiosos que motivaram a ausência do presidente do Conselho Nacional, contra-almirante Daniel Duarte Silva.

Após a leitura da correspondência, procedeu-se à assinatura do termo de posse pelos companheiros eleitos para os vários cargos, acto sublinhado pelos habituais aplausos escotistas.

A seguir, foi dada a oportunidade para o novo presidente da Direcção dissertar acerca dos principais pontos em que se vai exercer a acção dos novos dirigentes. Começando por agradecer a presença, em especial, dos velhos companheiros que ali se encontravam, o Eng.° Nobre Santos referiu que os objectivos a que a Fraternal se propõe são muito importantes, visto que da sua consecução depende a existência efectiva da Fraternal, para o que se torna necessária a contribuição do esforço de todos os antigos escoteiros, o que ainda demanda a manutenção do espírito escoteiro de cada um deles.



Os laços escotistas perduram. Eis o que se pode afirmar ao contemplar-se esta fotografia que o nosso companheiro Xavier de Brito nos confiou, em que se vê um grupo de «escoteiros antigos», confraternizando durante a homenagem ao EC José Rodrigues, recentemente realizada nas Caldas da Rainha. Da esquerda para e direita, vêem-se: Artur Campos, António Pinto, António Júlio da Cunha, Piteira, José de Almeida Santos, José Rodrigues, Domingos de Sousa e Amílcar Santos Fernandes.

O novo timoneiro da Fraternal traçou depois os aspectos mais relevantes que actualmente dizem respeito à vida da Fraternal: em primeiro lugar, o aspecto financeiro. Afirmou que, neste capítulo, são muito fracas as possibilidades da Fraternal, hoje colocada perante a necessidade de pagar todas as suas despesas. Por isso, lembrou, têm de ser tomadas algumas resoluções que, por não serem muito agradáveis para alguns, exigem a compreensão de todos. No entanto, se houver quem não puder contribuir com mais dinheiro, de maneira alguma terá de abandonar este grémio escotista. Uma realidade, contudo, se põe: doravante a remessa das importâncias da quotização terá de ser da iniciativa dos próprios antigos escoteiros, visto ser completamente impossível a manutenção de um cobrador.

O Eng.° Nobre Santos aproveitou o ensejo para dar a conhecer as principais rubricas por onde se escoam os fundos da Fraternal. Por exemplo, o envio de uma circular aos companheiros para lhes dar notícia das actividades da Fraternal representa um dispêndio de cerca de 600$00. Junte-se a isto as despesas com a renda da casa, com a água, luz, telefone e limpeza e ver-se-á o problema que se depara à nova Direcção. E o nosso companheiro aproveitou-se da referência a estes encargos para esclarecer que eles são agora suportados unicamente pela Fraternal, em virtude de esta ter passado agora a usufruir por completo das instalação da Rua de S. Paulo, visto alguns dos departamentos dos Serviços Centrais da AEP, que ali se mantinham, terem sido transferidos para a sede associativa.

O nosso companheiro Amílcar Fernandes usou em seguida da palavra para exprimir um voto de reconhecimento pelo trabalho da anterior Direcção e afirmou que tem de se agradecer aos novos directores a sua disposição em manter as actuais instalações da Fraternal pois há sempre a eventualidade de os Serviços Centrais terem de, um dia, regressar ali.

A propósito destas considerações, o companheiro Manuel Pinto Sant'Ana rememorou diversos factos relacionados com a passagem da sede da AEP do Largo do Directório para S. Paulo, afirmando que a saída de um lado e a entrada noutro não foram contíguas.

Falou ainda o nosso companheiro Henrique Alegria, que actualmente chefia uma das unidades do CNE, para fazer judiciosas considerações sobre os problemas que se estavam debatendo. Afirmou, em primeiro lugar, que discorda da denominação «antigos escoteiros», a qual deveria ser substituída pela de «escoteiros antigos». E argumentou, dizendo que não nos devíamos considerar antigos escoteiros, visto que ainda somos escoteiros, embora antigos. Se os antigos não permanecerem fiéis ao espírito escoteiro, dentro em breve o escotismo não será mais que uma saudade. Há necessidade, continuou este nosso companheiro, de preparar novos dirigentes para os novos grupos que surgem, mas não dirigentes como muitos dos que existem actualmente que, em lugar de se dedicarem a formar novos escoteiros, melhor seria que primeiro se formassem a si próprios.

E foi no meio de esperançosas afirmações de confiança no futuro da Fraternal que terminou esta agradável reunião dos antigos escoteiros.

Corrigenda

Na lista dos novos corpos gerentes da Fraternal, que publicámos no nosso número de 31 de Julho p. p., por lapso não foi incluído o novo tesoureiro desta organização, que é o nosso companheiro Manuel do Nascimento Duarte.

Pedindo desculpas pelo referido lapso, tornamos a publicar a constituição da nova Direcção, agora devidamente corrigida:

Presidente: Eng.° José Maria Nobre Santos;
Vice-presidente: Eng.° José Ferreira Amaro;
1.° Secretário: Miguel da Silva Martins;
2.° Secretário: Duarte Gil de Mendonça;
Tesoureiro: Manuel do Nascimento Duarte;
1.° Vogal: Eduardo Augusto da Silva Xavier;
2.° Vogal: Fausto Júlio Sacadura.

A Bolsa de Estudos de Formação da Fraternal Internacional foi atribuída a um escoteiro de Sri Lanka

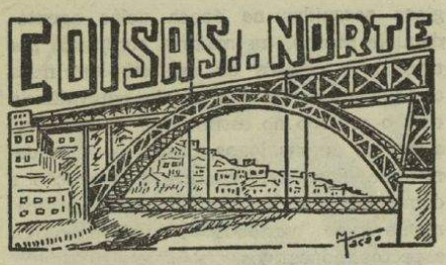
A Bolsa «Coronel J. Wilson» da Fraternal Internacional dos Antigos Escoteiros e Guias (AIDSEGA) foi concedida a SALIYA RAJAKARUNA, o comissário itinerante de Sri Lanka, no seguimento da recomendação feita pela Secretaria Mundial do Escotismo, de Genebra. Esta bolsa permitirá ao Sr. Rajakaruna completar a formação na Região Ásia-Pacífico. A bolsa de 1978 será concedida a uma responsável da Associação Mundial das Guias e Escoteiras (AMGE).

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

Doentes — Chegou ao nosso conhecimento de que se tem encontrado bastante doente o nosso estimado amigo e assinante Dr. Leopoldo de Figueiredo, antigo escoteiro do Grupo 1.

Também esteve muito doente, agora felizmente a caminho da recuperação, o nosso prezado companheiro EC Henrique Alves de Azevedo, nosso assinante e dedicado dirigente escotista.

A estes nossos bons amigos, *Sempre Pronto* faz votos de prontas e completas melhoras.



ACAMPAMENTO EM LAMEGO

No fim de semana de 8, 9 e 10 de Outubro, realizou-se na cidade de Lamego, a convite do Grupo n.º 49, laquela cidade, um Acampamento denominado «RESSOL 77». É de salientar no programa de campo as activilades: vindima e pisa, numa quinta; ceia regional (que constava de sardinha assada, caldo verde, pão de milho e vinho da Região; e visita às Caves da Raposeira, a qual foi orientada e explicada pelo sócio-gerente sr. dr. Eduardo. O «Ressol 77» terminou no dia 10, com a Canção do Adeus.

Estiveram presentes cerca de três centenas de escoteiros desta Região que representaram os Grupos n.ºs 4, 10, 26, 41, 44, 46, 49 e 53, das localidades Porto Figueira de Foz, Póvoa de Varzim, Vila Nova de Gaia, Moimenta da Beira, Lamego e Braga. Também esteve presente o Chefe Regional sr. Arnaldo Couto, que dirigiu os trabalhos de campo, e o Chefe do Grupo n.º 49, sr. Humberto Costa.

É de salientar que este acampamento decorreu sob forte temporal, o que motivou pequenas alterações ao programa de campo, mas, mesmo assim, decorreu como estava previsto em elevado espírito escotista.

O NÚCLEO DE BRAGA VISITOU A GALIZA

A fim de retribuir a visita efectuada a Braga, realizou este Núcleo uma excursão a Espanha, à localidade de Ferrol del Caudillo, ao Grupo de Scouts de España local. Estiveram presentes vários Grupos da A. E. P. da Região Norte, que totalizaram meia centena de escoteiros. Esta actividade teve lugar nos dias 29 e 30 de Outubro, com a presença dos dirigentes José Duarte, Domingos Figueiredo e Francisco Ferreira, bem como o guia José dos Prazeres e o lobito Mário Jorge Figueiredo.

D. F.

ACTIVIDADES DO GRUPO N.º 4 — PORTO

No dia 25 de Setembro, esteve este Grupo bivacado na Arteia da Areosa, a fim de lobitos fazerem provas de 2.ª Estrela e exercício de especialidades para os exploradores. Aproveitou-se a oportunidade para três lobtios e dois exploradores fazerem o seu Compromisso de Honra. Estiveram presentes nesta actividade dezanove elementos deste Grupo.

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Chegámos às 59 novas assinaturas!

Apesar do período de férias que atravessámos e que sempre prejudica o desenrolar de campanhas como aquela que estamos promovendo, recebemos ainda dez novas assinaturas. De Vila Nova de Famalicão, o nosso dedicado colaborador sr. José Dias de Azevedo, chefe do Grupo n.º 29 (AEP), daquele concelho, propõe-nos as seguintes assinaturas de patrocinadores: Srs. Bento Ribeiro Dinis, Manuel Fernandes Almeida, Manuel Vieira Carvalho, Manuel Carlos Ferreira Barbosa, José Rodrigues da Silva, Alcino Freitas da Silva e Manuel Azevedo Ferreira. O Chefe do Grupo n.º 4, do Porto, propõe a assinatura de Francisco António Carvalho Costa, de Moimenta da Beira. De Vila Real de Santo António, o nosso amigo e colaborador sr. Domingos Manuel Jacinto Peres, manda-nos duas assinaturas: Srs. Luís Germano Resende Neves e Manuel S. Gomes da Rosa.

Atingimos, portanto, 59 novas assinaturas. Mas precisamos de ir muito mais além. O prezado leitor terá de nos ajudar.

★

No Jambori do Ar, este Grupo esteve na estação CT1-TR, pertencente ao sr. Álvaro Costa. Os elementos deste Grupo foram divididos em três patrulhas, a fim de todos terem oportunidade de contactar com os outros Grupos de escoteiros. Os dirigentes e alguns escoteiros foram visitar o Acampamento Regional sito na Foz do Douro. Totalizaram 21 elementos os efectivos no JOTA.

COMPROMISSO DE HONRA EM BRAGA

O Grupo n.º 53 da A. E. P., com sede na freguesia de S. Jerónimo de Real, concelho de Braga, realizou no dia 2 de Outubro o seu Compromisso de Honra para 1977.

A cerimónia teve a presença de várias entidades civis e militares, bem como de numerosos grupos de escoteiros, que perfaziam cerca de meio milhar, destacando-se em número o grupo n.º 49 da A. E. P., da cidade de Lamego.

Como sempre, o Grupo n.º 53, que é confessionalmente católico, assistiu à santa missa, numa cerimónia de aprumo excepcional preenchida essencialmente pelos numerosos grupos presentes de Escoteiros de Portugal, Scouts de España e amigos do C. N. E. Acto contínuo, realizou-se na sede da Associação — Fundação Vieira Gomes —, o compromisso de honra num acto solene que o povo de Real dificilmente esquecerá.

Estupenda instalação sonora abrilhantou a cerimónia campal, e a presença de chefes escoteiros doutras regiões do país à frente dos respectivos grupos, num exemplo de dedicação singular, foi testemunho vivo da expansão crescente da Associação dos Escoteiros de Portugal.

O Grupo n.º 53 espera que a sua mensagem cultural e humana seja efectivamente entendida pelo povo bracarense e está deveras esperançado na compreensão e ajuda das autoridades constituídas, para a sua maior e mais eficiente implantação.

Se a Câmara de Lamego, confiando nos Escoteiros de Portugal, soube dar-lhes em guarda o histórico castelo, e, o seu Bispo a amizade e apoio, também os Grupos Bracarenses dos Escoteiros de Portugal, esperam receber dentro em breve do Presidente da Câmara de Braga a Bandeira da Cidade, como a vetusta Torre de Menagem à sua guarda. Um dia, e ele virá em breve, há-de também o Arcebispo de Braga merecer as palavras do seu antecessor: «Sim merecem um Assistente».

Teria o CNE recebido uma proposta de 5000 contos?

O jornal «O Zé», de Rio Maior, publicou em 14 de Junho p. p. e em «P. S.» da carta de uma leitura de Montijo (identificada), a seguinte informação. Aqui a transcrevemos:

«Talvez não saiba que o PC ofereceu à Junta Nacional do CNE (Corpo Nacional de Escutas) a «módica» quantia de 5000 contos pala «venda» do organismo?

«Entendemos por venda do organismo, deixar infiltrar nas nossas fileiras alguns comunas de modo a catequizar os nossos elementos com a sua ideologia. Escusado será dizer que a Junta rejeitou».

Sem comentários...

«SEMPRE PRONTO»

Lembramos a todos os nossos Amigos e Assinantes que todos os assuntos referentes à Redacção e Administração de «Sempre Pronto» devem ser tratados das 9 às 18 horas na sede, Rua Saraiva de Carvalho, 97 — Lisboa 3 — Telef. 60 37 34 — 60 37 78 — 60 36 89. Endereço telegráfico — YMCAPORT — Telex n.º 18539.

Na antiga situação do jornal, em que praticamente não tínhamos sede, os nossos amigos procuravam locais onde podiam encontrar membros do jornal. Presentemente, isso já não é necessário, pelo que muito agradecemos que todos os assuntos sejam tratados unicamente no endereço citado ou pelos meios de comunicação referidos.

A educação física na ACM

Quando nos longínquos anos de vinte e três, entrei na ACM, então localizada na rua das Gaivotas, assisti emocionado à dinâmica disputa travada entre duas colunas formadas por activos jovens componentes do Primeiro Grupo de Escoteiros de Portugal, com sede naquela Colectividade. Lançavam individualmente a bola para um cesto desportivo de fundo, suspenso talvez a 2 metros do solo, a qual, ao trespassá-lo no interior, concedia dois pontos ao seu executante.

Inesperadamente era-me dada a agradável surpresa de apreciar o início do basquetebol no País, desporto cujo aperfeiçoamento incessante levaria a sua execução a orientar-se por regras tão complexas que sem exagero, poder-se-á considerar, no conjunto, constituir verdadeiro tratado técnico-desportivo.

Meses decorridos, eis-me novamente admirando, no referido lugar, duas patrulhas dispostas face a face, cada em seu semicampo, limitados por um cordel horizontal a altura superior à dos jogadores. Impulsionavam, com a polpa dos dedos, uma bola levíssima para o rectângulo oposto, de modo a impossibilitar a sua devolução, a qual, ao cair morta no solo adversário, conferia vitória à equipa atacante.

Assim despertava o voleibol saltitante, dinâmico, hilariante, liberto de anseios competitivos. Das directivas que hoje o condicionam, obedeciam apenas à destreza e prazer transmitidos pelo jogo desportivo, lealmente realizado. O certo é que, tal qual bola de neve deslizando por encosta acidentada, apesar das dificuldades de toda a ordem, os seus benéficos resultados atraíram, no decorrer do tempo, a juventude das associações desportivas, assim como a das escolas de todos os graus do ensino que, em multidão, fervorosamente o praticam.

Mas a educação física não se limitava na ACM às modalidades apontadas. Na ginástica formativa, um hábil professor estrangeiro leccionava os escoteiros com mestria exemplar, insuflando-lhes vivo entusiasmo, desenvolvendo-lhes ampla elasticidade pulmonar, postura corporal correcta e resistência orgânica. De compleição física admirável, sentado no chão frente à classe, ele simultaneamente exemplificava e comandava com dinamismo e expressão, provocando euforia comunicativa.

O contraste verificado entre o ensino da ginástica no meio português e o acabado de observar, era conclusivo: atraso confrangedor no nosso lado.

Naquela memorável lição, a atitude inicial de pé perdeu definitivamente a sua função generalizada para se optar pela primeira vez, entre nós, pelas posições baixas, isto é, começar o exercício a partir de gatas, sentado, de joelhos, etc. Esta técnica, pelo que permitiu variar a composição da lição pela multiplicação de combinações de movimentos, valorizou-a sobremodo, visto ter criado centros inexistentes de interesse pedagógico, correspondendo à psicofisiologia do educando das idades em causa.

Tudo que víramos suscitou em nós verdadeira admiração e desejo ardente de estudar o sistema, o que fizemos.

De tal modo influenciou a nossa conduta profissional que, embora respeitando a evolução gerada no tempo, jamais o abandonámos.

Vivíamos por volta de 1923, época em que Portugal obscuramente tentava seguir na retaguarda das nações civilizadas os ensinamentos na matéria.

A depauperação física e nervosa provocada pelo trabalho fabril realizado em estabelecimentos inadequados à produção, ocasionou a aparição de vastas massas de deficientes psíquicos e musculares no mundo industrial nos fins do último século, atingindo, especialmente na Suécia em consequência do concomitante abuso do álcool, volume aflitivo de tuberculosos.

O facto impôs mundialmente o incremento dos desportos e da ginástica, tanto de desenvolvimento geral, visando educar a função respiratória e anular a anquilose causada nos trabalhadores pela monotonia empregada nas tarefas em tempos prolongados de 10 a 12 horas diárias, como de recuperação funcional orgânica, com fins correctivos e curativos pela reeducação psicomotriz e recuperação profissional (cinesiterapia).

No País, tentando-se acompanhar a expansão educacional referida, uma comissão de oficiais militares, com destaque para o general Viriato da Fonseca Rodrigues, professor da disciplina na Escola de Educação Física do Exército, fez publicar, no *Diário do Governo* de 26 de Fevereiro de 1920, o Regulamento Oficial de Educação Física, ansiosamente aguardado.

Seis anos volvidos é criado um curso para professores da especialidade a frequentar somente por médicos e professores primários, com preparação específica flagrantemente díspar.

A matéria, toda teórica, publicada em 12 conferências compiladas em volume intitulado *Preceitos de Educação Física*, é da autoria do Chefe da Clínica de Medicina de Lisboa, Dr. Fernando Pinto de Miranda, que a leccionou sem resultados práticos.

Ambos, embora esclarecedores necessários aos diminutos conhecimentos pedagógicos possuídos na época pelos agentes daquele ensino, na maioria composta por médicos e oficiais do exército, em nada corresponderam à necessária equivalência com o seguido no estrangeiro. O primeiro, a par de alguns jogos, desportos e esquemas de ginástica, descreve a execução e comando; o segundo analisa-os cientificamente sob variados e valorosíssimos aspectos educativos.

Da correcção mantida na posição inicial de qualquer exercício, depende o grau de dificuldade na sua realização e, consequentemente, no aproveitamento. Daí a necessidade premente deles serem baseados nas características da idade e sexo. Lamentavelmente, os esquemas publicados no *Regulamento Oficial*, limitam a lição de ginástica quase exclusivamente à de pé, o que, por comum em todas as situações, anulavava as vontades mais persistentes. A contracção muscular constante, cadência uniforme na acção e ausência de ritmo no movimento provocavam fadiga, saturação desinteresse e, por vezes, tédio justificando fuga a uma actividade só benéfica em todas as suas formas.

Só mais tarde, em 1929, pela publicação do tratado de ginástica de J. G. Thulin, Director do Instituto de Ginástica Sueca de Lund, nos foi possível administrar, com propriedade, o método apto a crianças praticado anos antes na ACM.

Ao compararmos as datas, não podemos deixar de, efusivamente, felicitar o antigo Primeiro Grupo de Escoteiros de Portugal pela honra de ter sido o percursor de determinados desportos e da ginástica moderna em Portugal.

Assim como nos locais de trabalho oficinal, a educação física veio equilibrar o desgaste nervoso e corporal amenizando o esforço excessivo, também os escoteiros do Primeiro Grupo adoptaram as práticas ginásticas e desportivas como complemento educacional da generalidade das suas actividades.

Moreton, na Direcção; Cosme Damião e Humberto Martins, na chefia daquela unidade escotista, conheciam por experiência pessoal o valor desses atributos complementares da formação dos seus educandos para, com verdadeira nobreza e posse plena dos sentidos, cumprirem a divisa que juraram; estarem em todas as circunstâncias *Sempre Pronto*.

Aníbal Ramos

Livros à venda na Redacção

«MAIS ALÉM», manual de 1.ª classe, com trabalhos sobre provas de classe da autoria de diversos dirigentes escoteiros muito classificados ... ... 20$00

«O Escotismo — Sistema de Educação Integral» pelo antigo dirigente escoteiro Antero Nobre ... ... 20$00

Pelo correio, acresce o porte.



16 — *U. R. S. S. — 76.* Anuário da Agência de Imprensa Nóvosti. Moscovo, 1977, 192 págs. + 4 págs. inumeradas. Ilustr.

Se a propaganda, ao contrário do que muita gente crê, não é de hoje, pois veio do fundo dos tempos, há que reconhecer, porém, que foi no decurso dos últimos 100 anos que ela saltou para o lugar cimeiro em que se encontra no nosso tempo, tendo sido os Norte-Americanos quem mais e melhor para isso contribuiu. Todo o mundo conhece a loucura publicitária em uso nos E. U. A. e as formas ridículas de que por vezes se reveste, particularmente no campo da política, muito em especial durante as campanhas eleitorais.

Porque, se a propaganda *tout court* nasceu com intuitos de chamar as atenções do público para certos produtos ou certas firmas, parece que foram os mesmos Norte-Americanos quem principiou a utilizá-la com intuitos políticos, tendo-lhes aproveitado a lição os regimes totalitários europeus nos meados do nosso século. Ainda vive muita gente que se recorda perfeitamente da propaganda espectacular da Alemanha hitleriana e da Itália de Mussolini. E embora em proporções muito mais modestas, também entre nós, nos tempos do Estado Novo, a propaganda se utilizou para a implantação da ideologia salazarista no espírito das massas, criando-se até um Secretariado da Propaganda Nacional, depois diplomaticamente crismado em Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo.

Evidentemente que, limitando-me eu aqui a referir-me unicamente à propaganda dos Estados totalitários, não posso deixar de aludir de passagem a outros intuitos dessa mesma propaganda, quais fossem os de atrair turistas, a grande fonte, vê-se hoje, de entrada de divisas para o equilíbrio da balança de pagamentos de qualquer país. E a propósito recordarei a forma como o Estado Nacional-Socialista propagandeou os Jogos Olímpicos de 1937, levados a efeito na Alemanha e aos quais acorreram muitos milhões de estrangeiros.

Bem feitas as contas, os espíritos simplistas, recordando tudo o que acima deixei dito, devem ter ficado a pensar que esses processos mistificadores foram apenas usados pelos Estados cujos Chefes e Governos recebiam então o apoio decidido dos magnates capitalistas, que aqueles Estados defendiam.

Chega-me, porém às mãos um volume de excelente apresentação gráfica, magnificamente ilustrado e traduzido em português escorreito, distribuído pela Agência de Imprensa Nóvosti, entidade oficial da U. R. S. S., fundada em 1961 por um grupo de uniões encabeçadas pela União dos Jornalistas e a União dos Escritores, e cuja função cultural inclui naturalmente a propaganda ideológica, sobretudo através do magazine «Socialismo: Teoria e Prática», também editado em português. E por aqui se vê que a grande federação soviética seguiu o mesmo caminho aberto há longos anos pelos Norte-Americanos, procurando assim apresentar a U. R. S. S. ao mundo inteiro (o magazine «Sputnik», por exemplo, é editado em sete línguas) sob um aspecto simpático e até cativante, no intuito, evidentemente, de desmentir tudo quanto a Imprensa dos países ocidentais diariamente vai publicando.

Não há negá-lo: percorrendo atentamente *U. R. S. S — 76*, a impressão que se colhe é a de que a grande federação é um país maravilhoso, não só do ponto de vista da natureza, mas sobretudo humano, país onde não existe desemprego (pág. 24), não se encontram exploradores, não há grandes proprietários agrários, nem comerciantes, e «os kulaques, burgueses rurais que exploravam trabalhadores assalariados, também já não existem» (pág. 25). Há apenas uma classe social, composta por todos os trabalhadores (operários, camponeses dos *kolkhoses* e os intelectuais) (ibid.), tendo sido o povo soviético que encarnou a unidade social, política e ideológica durante os anos da edificação socialista (ibid.).

Abre o volume com um preâmbulo dedicado ao XXV Congresso do Partido Comunista da U. R. S. S., realizado entre 24 de Fevereiro e 5 de Março de 1976, que confirmou que o partido «segue firmemente o rumo leninista» e «cumpre dignamente o papel de dirigente político da classe operária, de todos os trabalhadores e de todo o povo» (pág. 3). Do contexto do Preâmbulo conclui-se que o Congresso (em que tomaram parte 5 000 delegados e foram representados 103 partidos comunistas de todo o Mundo) debateu todas as questões ali apresentadas, tendo sido apresentada a declaração da «Liberdade para os prisioneiros do imperialismo e da reacção» (pág. 6). Naturalmente nenhum delegado se lembrou de apresentar declaração semelhante em defesa dos deportados que se encontram no «arquipélago de Gulag»...

O Estado soviético é proprietário do património de todo o povo, sendo a propriedade estatal dirigida pelos organismos da economia (pág. 27). Há, porém, a propriedade cooperativa dos *kolkhoses*, constituída pela união voluntária dos camponeses em grandes empresas agrícolas, sendo a propriedade património de diversas colectividades de trabalhadores, só os seus

Continua na pág. 6

A ACM nos Estados Unidos

A Assembleia Anual da Divisão Internacional da YMCA (ACM) dos Estados Unidos

De 29 de Setembro a 2 de Outubro passado, realizou-se em Newport Beach, no sul da Califórnia, esta importante assembleia do movimento acemista dos Estados Unidos.

Portugal esteve representado pelo sr. eng.º António Carvalho Leitão, presidente do Congresso Nacional da Aliança das ACMs, e pelo director administrativo, sr. Eduardo Ribeiro, que se fazia acompanhar de sua esposa. A delegação portuguesa foi recebida com particular simpatia pelos dirigentes americanos, tendo sido distinguida com o convite para tomar parte na mesa da presidência da sessão oficial de abertura.

Estiveram presentes na importante reunião, delegados das diversas regiões dos Estados Unidos, bem como de diversas zonas de actividade na Europa, África, América do Sul, Ásia e ainda representantes das associações da Alemanha, Canadá, Irlanda, Israel, Japão, Malásia, etc.

Um dos objectivos da assembleia foi interessar as diversas ACMs do continente americano na obra da divisão internacional, que está empenhada no desenvolvimento das nações mais atrasadas, através de planos de promoção agrícola, educacional e outras. A Divisão Internacional tem levado a sua valiosa cooperação a diversos países onde se registam calamidades, como a Colômbia, o Líbano, a Etiópia, aos refugiados em diferentes zonas, numa extensa obra de auxílio. A assembleia procurou divulgar o conhecimento desta acção para que possa despertar novos apoios.

Foram ainda estudados diversos problemas sociais, das relações entre os povos, da situação do mundo, que não vive em guerra mas também não goza le paz, situação que se classificou como de «não-paz».

Na sessão de encerramento, a assembleia escutou um relatório do director da ACM de Israel, que descreve a obra que aquela associação realiza numa interessante acção ecuménica, conseguindo afirmar-se como um movimento de paz.

EC Jacinto dos Reis Moniz Silva

Este nosso bom amigo e mui dedicado delegado de *Sempre Pronto* nos Açores teve a gentileza de nos enviar fraternais saudações, por ocasião da realização do XX Jambori no Ar.

Gostosamente agradecemos e retribuímos esta manifestação de camaradagem escotista.



Notícias da Ilha Terceira

Casamento

No dia 31 de Agosto, na paroquial de São Pedro, de Angra do Heroísmo, realizou-se o casamento de Carlos Alberto Garcia da Cunha, chefe de clã do Grupo n.º 52 da A. E. P., com D. Noélia Maria Almeida Meneses Cunha.

Os componentes do «52» desejam ao seu companheiro Carlos Cunha e a sua esposa, as maiores felicidades na sua vida futura.

Intercâmbio Escotista

No domingo, 11 de Setembro, elementos do «52» da A. E. P., deslocaram-se à B. A. 4, e realizaram vários jogos de basquetebol, no ginásio do destacamento americano das Lajes, com escoteiros do Grupo I (*Boy Scouts of America*). Mais tarde, os rapazes do «52» tomaram parte em diversos jogos com os seus amigos americanos. O estado do tempo ajudou muito a concretizar-se esta interessante tarde de convívio, que terminou com um lanche, género piquenique, oferecido pelos escoteiros americanos.

Acampamento

Os componentes da tribo do «52», acompanhados de elementos da equipa de caminheiros «Luís de Camões», estiveram acampados na Mata da Agualva, às Fajãs, de 16 a 19 de Setembro, em conjunto com os rapazes do Grupo de Escoteiros do destacamento americano da B. A. 4.

O acampamento, que foi planeado entre os elementos dos dois grupos, teve por objectivo principal renovar amizades feitas durante o 5.º Jambori Açoriano e dedicar-se a serviços de pioneirismo.

Dirigiu o acampamento o chefe de tribo Fausto Cristóvão, coadjuvado pelo seu adjunto, Gustavo Silva; e os americanos tiveram consigo o chefe Mitchell, acompanhado de dois auxiliares.

O acampamento decorreu normalmente, apesar do mau tempo da noite de 17. No sábado e no domingo, os dirigentes J. R. Moniz Silva e Ludgero Moreira, passaram algum tempo em visita ao acampamento.

Alcateia americana

Na noite de 22 de Setembro, o E. C. Moniz Silva, do Grupo 52, deslocou-se à B. A. 4, para assistir à primeira reunião mensal da Alcateia (*Pack I*) dos Lobitos Americanos, depois do período de férias. Acompanhou o Chefe M. Silva, o chefe de alcateia do 52, Élio Machado.

Os dirigentes portugueses foram recebidos pelo Chefe Americano Henry Bafia, que dirigiu a reunião. Esta realizou-se no ginásio do «*High School*» do destacamento americano, compreendendo um variado programa e farta assistência (lobitos, pais, membros da comissão directiva e monitores de Bando).

J. R. M. S.

A TOCA DO RATO SÁBIO

Continuação da pág. 5

membros usufruindo do «direito de governar e dispor desta propriedade» (pág. 28).

Também existe a propriedade pessoal que deriva da propriedade social, «visto ter a sua origem nas receitas obtidas pelos cidadãos com a sua participação no trabalho social», sendo o seu direito e o da sua herança protegidos por lei (ibid.). O que não é permitido é possuir, por exemplo, um prédio de rendimento ou uma fábrica, e tão-pouco «a utilização do trabalho alheio com o propósito de obter lucros» (ibid.).

Com a vitória completa e difinitiva do socialismo», desapareceu a ditadura do proletariado imposta por Lénine, tendo o Estado passado a ser «de todo o povo numa organização política que exprime a vontade e interesses não de determinadas classes, mas sim de todo o povo soviético» (ibid.).

No desejo de não tornar esta nótula ainda mais longa do que já é, vejo-me forçado a passar em claro muitos capítulos deveras curiosos. Não me furtarei, no entanto, a referir-me ao que respeita à Justiça, onde se lê que os «Juízes são independentes e só se subordinam à lei», pelo que as suas sentenças assentam unicamente na convicção «baseando-se na lei» (pág. 41). Em face de tudo quanto se passou durante o consulado estaliniano, quando foram eliminados tantos dos pioneiros da Revolução Socialista, companheiros de Lénine, tal afirmação deixa amplo lugar para reflexão quanto ao sentido das palavras.

Sendo cada Juiz auxiliado por dois assessores, estes são eleitos directamente pelos cidadãos, e sendo «pessoas de variadas profissões (...) aplicam a justiça baseados na sua experiência da vida, raciocínio, consciência e em conformidade com a moral socialista e as leis soviéticas» (pág. 43). Qual é pois na realidade o papel dos Juízes nos tribunais soviéticos? Serão bastantes a experiência da vida, o raciocínio e a consciência para dar uma sentença justa mesmo «em conformidade com a moral socialista e as leis soviéticas»?

Como o socialismo e a paz são «duas noções inseparáveis» (pág. 47), e tendo o XXIV Congresso do Partido (1971) adoptado «um concreto programa de paz e de cooperação internacional» (pág. 50), não se compreende muito bem como um decisivo factor da vitória do P. C. do Vietnam fosse «o eficaz auxílio da União Soviética e de outros países socialistas» e ainda «o apoio por parte de todos os países e povos amantes da paz e de todas as forças progressistas do mundo» (pág. 51). De resto, quer antes, quer após a chamada Guerra Fria, todos tiveram ocasião de ver como o programa depois adoptado naquele Congresso foi seguido à risca...

Adiante depara-se-nos outra afirmação que surpreende todo o europeu ocidental, que não sofra de prejuízos políticos: «A União Soviética sempre (*sic*) faz todo o possível para que a Europa se torne um continente de segurança garantida, coexistência pacífica e colaboração» (pág. 53), opinião com que naturalmente não estarão de acordo Húngaros, Checos e Polacos...

Antes de concluir, quero dizer ainda que há no volume referências ao nosso País: «O povo soviético reforça a sua solidariedade para com as forças democráticas e progressistas portuguesas e pronuncia-se contra toda e qualquer intervenção nos assuntos internos de Portugal» (pág. 52). Será que todos nós seremos capazes de aceitar tal declaração como válida?

Foi longa por demais esta nótula, apesar disso ainda muito incompleta. Todavia, pelos excertos que apresentei acima, não haverá dificuldade para qualquer leitor honesto em reconhecer que *U. R. S. S. — 76* é obra de propaganda, a despeito de nela se encontrarem informações anódinas e também de aproveitar.

O RATO SÁBIO

O «Jambori para todos» de 1979 anunciado em Montreal

Continuação da pág 1

qualquer momento do ano de 1979, e vão desde uma reunião da alcateia numa tarde, versando um tema internacional, até ao grande acampamento com um programa semelhante ao do Jambori. Será focado especialmente o tema «Jambori para o desenvolvimento cultural». Alguns países têm já planos destinados a preparar e a distribuir os numerosos aspectos de uma cultura tradicional. A apresentação insistiu sobretudo no facto de que é tempo de começar os preparativos e de eleger um presidente ou uma comissão que desenvolva um plano, leve a cabo pesquisas sobre a cultura e a história do Irão e ajude os grupos escotistas a estabelecer laços de amizade e intercâmbio entre os grupos de outros países. A «Casa do Irão» pôs à disposição objectos de arte persas e duas demonstrações. Foi ainda distribuído a todos os participantes um manual sobre os planos do «Jambori para todos». Este será reimpresso em Genebra e enviado directamente, pela Secretaria Mundial, às sedes das associações escotistas nacionais, aos redactores de revistas escotistas nacionais e aos responsáveis das relações públicas.

A CONSOLIDAÇÃO DO ESCOTISMO

Continuação da pág. 1

Um grupo de rapazes de um dos cantos da rua, um dia gritou-nos: «Olhem, andam a limpar o lixo do exército. Cavaleiros dos joelhos surrados!» E arremassaram-nos com esterco de cavalo que, naqueles tempos, havia pelas ruas. Fugimos tão depressa quanto pudemos daqueles provocadores, mas, como eles viessem no nosso encalço, retrocedemos e afugentámo-los com as nossas varas. Depois, numa rua das traseiras limpámo-nos e prosseguimos a nossa excursão. Daí em diante, tomámos outro caminho para evitar os tais rapazes.

Quando conseguimos lenços de cor e pseudo-chapéus de escoteiro, não nos atrevíamos a usá-los senão quando já estávamos no campo, visto que outros bandos de rapazes havia q e nos atiravam com os mesmos mísseis. *Aí, estávamos já então sossegados para com entusiasmo nos entregarmos aos nossos jogos.*

Fizemos um campamento nos pântanos de Bolton; o nosso abrigo era feito com um bocado de encerado e de urze, sustentado pelas nossas varas. Usámos uma caçarola para cozinhar e assámos bacon *em espetos feitos de pau. Para nós, tudo era um paraíso e o Fundador o maior homem do mundo.*

Contudo, apesar das contrariedades que a estranheza do público causava, o certo é que o Escotismo ia, a pouco e pouco, fazendo novos adeptos e tornando-se conhecido. A simpatia também começava a surgir. Mas B.-P. não dormia sobre os primeiros louros conquistados. Uma demonstração desta afirmativa foi o aparecimento, em Abril de 1908, do primeiro número da revista *The Scout*, a qual alcançou logo êxito retumbante. Tratava-se do veículo que o Fundador concebera para dar a conhecer melhor ao público o que era o movimento que acabava de nascer e o espírito de aventura e de serviço de que o seu método estava impregnado. Nesse número inicial, B.-P. publicou um esplêndido artigo de fundo que se intitulava *Como comecei o Escotismo*. Desde então, o Fundador colaborava com a maior regularidade, visto que, até Janeiro de 1941, mês em que faleceu, só em três números é que não foi publicada a sua crónica semanal.

The Scout possuía «*todo o encanto da novidade e era um apelo veemente para que se viesse pertencer a essa* sociedade secreta», como se refere num livro histórico sobre o Escotismo. M. E. Carter diz, por seu lado, que «The Scout *atraía os rapazes porque, além da informação sobre os acontecimentos do mundo escotista e outras coisas, estava recheado de histórias apaixonantes e de artigos plenos de vivacidade e incluia a contribuição semanal do seu herói, Baden-Powell de Mafeking, o qual estava sempre pronto a explicar o* porquê *das coisas*».

A realidade mostrava que, entretanto, os grupos de escoteiros iam surgindo aqui e ali. *Acontecia* Escotismo. Não era apenas um movimento que se expandia; era também uma organização que se prestigiava diante do povo e dos responsáveis. Atesta esta realidade um episódio narrado por Percy Everett, óptimo documentário da efervescência que o Escotismo já então suscitava entre a juventude, que não resistimos a transcrever:

Quase me esqueci de fazer menção de que o meu próprio grupo de escoteiros, o n.º 1 de Elstree, começou a existir nos primeiros meses de 1908. Nunca me tinha passado pela cabeça a ideia de chefiar um grupo. Julgava-me demasiado ignorante e muitíssimo humilde para imaginar que algum êxito pudesse ter nessa missão. Mas que é que faríeis se uma deputação de seis rapazes vos aparecesse e dissesse em coro: «Se faz favor, queremos que seja o nosso chefe»? Estes rapazes tinham lido os fascículos do Scouting for Boys *e estavam desejosos de começar. Pus à sua disposição um velho barracão e com eles passei algumas das mais felizes tardes e serões do início da minha vida de escoteiro. Juntos, adquirimos muito do espírito e da aventura do escotismo.*

Um novo passo na organização e vulgarização do movimento foi dado, graças a um acampamento de treino, realizado em Humshaugh, nas Montanhas Cheviotes, na fronteira anglo-escocesa, o qual foi dirigido por B.-P. Nele tomaram parte 36 escoteiros de todo o país, também ali, à semelhança de Brownsea, divididos em patrulhas, desta vez seis ao todo.

Everett afirma que «*foi um acampamento maravilhosamente feliz, útil e muito bem sucedido. Erguido nas proximidades das Muralhas Romanas de Northumberland, um magnífico terreno escotista, o acampamento tinha um programa que incluía expedições ao longo das Muralhas Romanas, a visita ao castelo de Haughton, velho forte britânico, à Abadia de Hexham e a Elswick Works. E ainda vários jogos*».

O mesmo conceituado dirigente britânico conta que, 27 anos depois, voltou àquele lugar na companhia de um milhar de escoteiros da região. Ali assistiu a um maravilhoso fogo de conselho, exactamente no local onde fora feito o do primeiro acampamento. Recordou então o espírito de aventura que o caracterizara. Numa das rochas das proximidades via-se gravada a seguinte inscrição: «*B.-P., 1908. Olha à tua volta*». E Everett concluiu: «*Humshaugh é bem digna de uma peregrinação*».

O Escotismo crescia e fortalecia-se, preparando-se para mais altos voos. B.-P. não descansava um momento e não perdia o menor ensejo de fazer a propaganda das ideias sobre a educação da juventude que há muito estudava e defendia. Pode dizer-se que, durante o ano de 1908, o Escotismo assentou os alicerces do enorme edifício que se ergueria nos anos subsequentes. A sua vitalidade seria mais uma vez demonstrada, um ano após, no grandioso Rali do Crystal Palace. Os jamboris, as grandes reuniões típicas do Escotismo, já nesses recuados tempos começavam a germinar.

Mostram-se promissoras as primeiras impressões do XX Jambori no Ar

Continuação da pág. 8

a TV estão dando presentemente ao JOTA, pois esta actividade já se vai tornando conhecida fora dos meios escotistas.

De facto, foi importante o noticiário que os jornais inseriram desta actividade escotista. *O Primeiro de Janeiro*, *O Comércio do Porto*, *O Jornal de Notícias*, *O Dia* e o *Diário de Notícias* publicaram boas reportagens do acontecimento, índice do interesse que ele já suscita.

A TV também marcou boa posição: no sábado, dia 8, no *Magazine*, ofereceu-nos uma entrevista com Justino Estêvão da Silva; no dia 16, domingo, no *Telejornal*, mostrou-nos imagens do acampamento do Porto; em 22, sábado, novamente no *Magazine*, reportagens do Lumiar (agrupamento 66 do CNE), da Ajuda (grupo 2 da AEP) e de S. Domingos de Rana (CNE). No dia seguinte, no programa *A Bota das 7 Léguas* ofereceu vários aspectos do acampamento realizado no Feijó por agrupamentos do CNE.

Merece relevo a vitrina escotista que esteve patente no estabelecimento da firma F. Costa, Firmarte, Lda., na Rua Nova do Almada, em Lisboa.

Aguardamos os relatórios dos grupos para termos uma ideia mais precisa deste acontecimento escotista, que transmitiremos aos nossos leitores.

«Propagação das ondas de rádio»

A Organização Nacional acaba de publicar uma separata de um trabalho de Bettencourt Faria, dado à estampa em *Selecções de Rádio*, em que são estudados os fenómenos de propagação das ondas de rádio nas camadas da ionosfera.

Trata-se de mais uma iniciativa que merece um aceno de simpatia dos radioamadores e dos escoteiros que começam a interessar-se por estes problemas.



A vitrina da conhecida firma de artigos de fotografia Filmarte deu guarida, durante alguns dias, a um motivo escotista, por ocasião do XX JOTA. No escaparate via-se uma grande fotografia de Baden-Powell, executada nos laboratórios daquela firma, enquadrada pelas bandeiras nacional, da Secretaria Mundial, da AEP e do CNE. Viam-se ainda várias publicações sobre o JOTA, uma amplicação de um cartão QSL, além de um posto emissor. Na base, reproduções dos belos desenhos dos ca imbos do primeiro dia.



Mostram-se promissoras as primeiras impressões do XX Jambori no Ar

Os grupos e estações que estiveram a trabalhar no XX Jambori no Ar ultrapassaram, pela primeira vez, a centena, eis as estimativas que os resultados já colhidos sobre esta importante actividade mundial dos escoteiros permitem fazer. Deve-se registar que para isso contribuíram decisivamente as três associações: Corpo Nacional de Escutas, Associação dos Escoteiros de Portugal e Associação das Guias de Portugal.

Para já, uma iniciativa que merece realce: o acampamento realizado no Seminário do Paraíso, na Foz do Douro, no Porto, por onde passaram, no fim-de-semana de 15 e 16 de Outubro corrente, os dias em que JOTA teve lugar, mais de 650 escoteiros e guias. Foi neste local que funcionou, desde as 0 horas do dia 15 até as 24 horas de 16, o posto CT 1 EGP, ali instalado pela Coordenação Regional do Porto. Várias actividades ocuparam os escoteiros e as guias que não estivessem momentaneamente empenhados nas comunicações de rádio. Foram passados filmes e diapositivos escotistas. A par, funcionava um posto dos correios que emitia os sobrescritos alusivos com o carimbo do primeiro día.

Mas desde Braga até Loulé o trabalho dos escoteiros e das guias merece realce, assim como nos Açores e na Madeira, onde os resultados obtidos não desmerecem dos conseguidos nos anos anteriores.

Também em Lisboa, no Lumiar, o agrupamento 66 do CNE fez bom trabalho, o que, como é óbvio, despertou o entusiasmo de escoteiros e guias que, em número de muitas dezenas, ali estiveram presentes.

É curioso referir que, embora o mau tempo que se fez sentir nesse fim-de-semana, os escoteiros não arredaram pé dos diversos acampamentos que, por motivo do JOTA, se efectuaram em todo o país, com a excepção do acampamento organizado na Quinta da Fonteireira, em Belas, que teve de ser levantado, devido à fora do comum violência das águas.









Os desenhos dos carimbos do primeiro dia utilizados por ocasião de acontecimento escotistas estão a granjear fama entre os filatelistas. E digamos que é muitíssimo justa essa fama, porque os escolhidos têm sido invariavelmente muito belos. Como estes quatro que foram agora utilizados, durante o JOTA no Porto, em Loulé, em Angra do Heroísmo e no Funchal. São da autoria do nosso companheiro Manuel Pinto Sant'Ana, cujas qualidades artísticas foram mais uma vez confirmadas. Um bravo! *para este nosso companheiro.*

Os órgãos de comunicação social e o Jota

Falámos com o Organizador Nacional do JOTA, o nosso companheiro Justino Estêvão da Silva, o qual nos deu conta da sua satisfação pelo trabalho realizado pelos escoteiros e guias.

— A propagação esteve um pouco difícil a princípio, — disse-nos este nosso companheiro — mas depois abriu e melhorou bastante. Assinale-se a atenção que a Imprensa, a Rádio e

Continua na pág. 7

VIDA NOVA!



Da Região Norte chegam-nos as mais animadoras notícias das actividades promovidas pelas novas unidades dos Escoteiros de Portugal, que mobilizam nas suas iniciativas a colaboração dos grupos mais antigos.

Esta dinamização dos grupos de escoteiros mais recentes posto em confronto com a imobilidade dos grupos antigos, revela que a rotina, a falta de iniciativa, conduz o Movimento à paralisação, e consequentemente à morte.

É preciso salvar o Escotismo, mas para isso é necessário actividade, vida nova! O exemplo vem do Norte.

SEMPRE PRONTO — Propriedade da Aliança Nacional das ACMs de Portugal

(CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA)

Director e Editor — **Eduardo Ribeiro**
Director Adjunto — **Joel Ribeiro**
Administrador — **José Eduardo Pena Ribeiro**

EQUIPA DE REDACÇÃO:
A. C. Lapa Conde
Ernesto Clímaco do Nascimento

EQUIPA DE ADMINISTRAÇÃO:
Capitolino Ferreira Macedo
Luís Garcia

Número avulso: 7$50 — Assinatura anual: 75$00